

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**

**Programa de Pós Graduação em Biologia Vegetal**

**Anielly Rariane Quadros Paredes**

**Estudo Etnobotânico em Quintais de Descendentes Paraguaios em  
Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil**

**Orientadora: Ieda Maria Bortolotto**

**Campo Grande, MS, 2013**

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**

**Programa de Pós Graduação em Biologia Vegetal**

**Anielly Rariane Quadros Paredes**

**Estudo Etnobotânico dos Quintais de Descendentes Paraguaios em  
Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil**

**Orientadora: Ieda Maria Bortolotto**

**“Dissertação apresentada como um dos  
requisitos para obtenção do grau de Mestre em Biologia  
Vegetal junto ao Centro de  
Ciências Biológicas e da Saúde”**

**Campo Grande, MS, 2013**

## 1. INTRODUÇÃO

---

O termo Etnobotânica foi criado por John Harshberger em 1895, que a definiu, a princípio, como o estudo dos vegetais utilizados por povos aborígenes (Ming, 2009). Atualmente a Etnobotânica estuda o conhecimento e a conceituação desenvolvida por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal (Carniello & Pedroga, 2008). Guarim Neto (2008) e Oliveira *et al.* (2009) afirmam que a etnobotânica é o campo científico voltado para o estudo das inter-relações estabelecidas entre as sociedades humanas e o mundo vegetal ao seu redor, através do tempo e em diferentes ambientes.

Trabalhos nessa área podem contribuir para a conservação em vários aspectos, como por exemplo, fornecer informações que servem como modelos para planos de manejo e uso múltiplo de terras que sejam lucrativos (Davis, 1994), e que contribuam para resolver problemas de conservação biológica e para a educação ambiental, valorizando as experiências das comunidades com a natureza e conseqüentemente valorizando o ambiente natural (Milani *et al.* 2011). Também pode chamar a atenção para um considerável potencial econômico dos produtos naturais (Davis, 1994), além de gerar informações que incentivam a busca por conhecimento científico e tecnológico voltados para o uso sustentável destes recursos (Fonseca –Kruel & Peixoto, 2004). Dentre os diversos estudos que têm sido desenvolvidos, nos últimos anos, especial atenção tem sido dedicada ao conhecimento das populações humanas sobre os quintais, onde são cultivadas espécies que podem ser culturalmente e ecologicamente importantes (Webb & Kabir, 2009; Ceuterick *et al.*, 2008).

O quintal pode ser entendido como uma unidade de paisagem situada próximo ou ao redor da residência familiar (Amorozo, 2008), no qual são adotados manejos concebidos e executados de maneira harmoniosa e sustentável, envolvendo espécies animais e vegetais (Carniello *et al.*, 2010; Kumar & Nair, 2004). Esses espaços têm como objetivos fornecer parte das necessidades nutricionais da família, além de oferecer várias outras formas de bens e serviços às pessoas que ali moram, como sombra, ornamentação, construção, alimentação, combustível, fibra, medicamentos ou mesmo para fins

religiosos (Florentino *et al.*, 2007; Lunz, 2007), podendo ter grande importância para a subsistência de algumas populações (Moura & Andrade, 2007).

O fato de os quintais serem uma das formas mais antigas de manejo de terras já indica, por si só, a sustentabilidade desse sistema (Amaral & Guarim Neto, 2008). Além disso, apesar de possuírem uma pequena extensão, os quintais podem reunir um grande acervo vegetal, o que têm contribuído para um crescente interesse da ciência por estes espaços, por se acreditar que possam contribuir como reservatórios da agrobiodiversidade podendo conter espécies raras e ameaçadas (Fraser *et al.*, 2010; Webb & Kabir, 2009). Há grande necessidade de trabalhos que reforcem o conhecimento dos recursos naturais e suas potencialidades e também faltam trabalhos para que se tenha maior dimensão e precisão do quanto os quintais podem contribuir para a conservação em países tropicais (Webb & Kabir, 2009).

Nos quintais estão presentes complexas manifestações culturais que podem ser muito variadas em consequência da heterogeneidade da população e que envolvem sua origem e manejo, além de fatores socioeconômicos e ecológicos, que fornecem a cada quintal suas particularidades de estrutura e tamanho (Amaral & Guarim Neto, 2008; Carniello & Pedroga, 2008).

O estudo etnobotânico dos quintais nos fornece informações sobre a história cultural dos proprietários e da região estudada, como as influências exercidas pela história de ocupação da região e o posterior contato dessa população com outras sociedades ao longo do tempo (Semedo & Barbosa, 2007; Amorozo, 2008). Pesquisadores de quintais urbanos têm argumentado que as plantas contidas nesses espaços devem ser vistas como marcadores culturais servindo como itens que fornecem continuidade à reprodução da identidade, sendo um meio para reforçar as práticas culturais (Veteto & Skarbo, 2009; Corlett *et al.*, 2003).

A migração de pessoas nas últimas décadas tem chamado a atenção de pesquisadores para as consequências relacionadas ao conhecimento etnobotânico, especialmente em relação às práticas curativas com plantas medicinais (Volpato *et al.*, 2009; Voeks, 2008). Esses estudos tem demonstrado que os migrantes são muito influenciados pela comunidade que os acolhe (Pirker *et al.* 2012). O trabalho realizado no Reino Unido, (Ceuterick *et al.* 2008) mostra que imigrantes colombianos cultivam plantas medicinais

utilizadas na Colômbia em suas residências, em parte para evitar ter que frequentar os hospitais locais e ter que fugir da fiscalização, no caso dos imigrantes ilegais, e também como uma forma de não abandonar a cultura de origem, resgatando assim, parte de sua identidade cultural. Já no trabalho de Corlett *et al.*(2003), migrantes asiáticos que moram na Califórnia mantêm em seus quintais espécies comuns em seu país assim como mantêm técnicas agrícolas tradicionais para “reconstruir” suas paisagens de origem, utilizando-se muitas vezes do transporte ilegal para trazer espécies que só encontram na China. Além disso, também foi observado que os quintais eram fonte de aumento da autoestima dos mais idosos que, ao chegar à Califórnia se depararam com a sua total dependência dos mais novos pela falta de conhecimento da língua inglesa, o que dificultaria inclusive sua mobilidade e as amizades, e encontraram no cultivo dos quintais uma forma de produzir produtos frescos para diminuir as despesas alimentares da família, voltando a ter sua “função familiar” produtiva e valorizada, combatendo assim o sentimento de solidão, dependência excessiva e inutilidade.

O estudo dos quintais como distintas entidades ecológicas e culturais foi iniciado em trópicos do Sudeste da Ásia, há cerca de 25 anos (Galluzzi *et al.*,2010). Atualmente, diversos estudos nessa área têm sido realizados nas várias regiões da América do Sul, como nos quintais da Amazônia boliviana (Thomas & Van Damme, 2010) e em quintais da Amazônia peruana (Lamont *et al.*,1999). No território brasileiro, as pesquisas em quintais têm ganhado força nos últimos anos em várias regiões. No Centro-oeste, diversos trabalhos já foram realizados em quintais urbanos e rurais do Mato Grosso como Brito & Coelho (2000), Amorozo (2002), Pasa *et al.* (2005), Carniello *et al.*(2010). No estado de Mato Grosso do Sul, com exceção de Paredes (2010), não é encontrado na literatura nenhum trabalho relacionado a quintais urbanos.

A capital Campo Grande oferece um excelente campo para pesquisas etnobotânicas em quintais em função da diversidade cultural. Fundada em 1872 por colonizadores mineiros, recebeu desde cedo imigrantes japoneses, árabes, portugueses, italianos, espanhóis, armênios, palestinos, bolivianos e paraguaios, sendo estes últimos os que formam hoje a maior colônia dentro da cidade (Higa, 2004) onde, em uma população de cerca de 786.797 habitantes (IBGE, 2010), estima-se que a cidade abrigue cerca de 80.000 famílias

paraguaias (Fonte: Colônia Paraguaia de Campo Grande). Com tamanha população, é inevitável que ocorra a troca cultural entre paraguaios e brasileiros, fato verificado na popularização do tereré<sup>1</sup> e em costumes como o uso de ervas medicinais com nomes populares de origem espanhol ou guarani<sup>2</sup>, como Yaguá – rindi (*Piper* sp.) e Yerba del Lucero (*Pluchea sagittalis* (Lam.) Cabrera), espécies encontradas em quintais urbanos do Município de Porto Murtinho, MS (Alfonso, 2009). Estudos na área de Etnobotânica em Campo Grande foram desenvolvidos por Shardong & Cervi, (2000) e recentemente por Paredes (2010).

De acordo com registros históricos, a maior demanda de paraguaios para o Mato Grosso do Sul (anteriormente Mato Grosso) foi durante a ascensão do cultivo da erva mate e da fabricação de tanino, quando famílias inteiras vieram em busca de uma melhor qualidade de vida através do trabalho no campo e dentro das fábricas nos municípios de Bela Vista, Ponta Porã e principalmente Porto Murtinho, (Kmitta, 2010). Outros autores afirmam que a maior demanda ocorreu após a Guerra do Paraguai (1846 a 1870), que deixou aquele país empobrecido, motivando a busca por novas oportunidades no Brasil, país vizinho. Souchaud (2011) ainda afirma que os principais eventos responsáveis pela imigração paraguaia para o Brasil foram a conexão da fronteira agrícola e também a construção da hidrelétrica de Itaipu (Usina Hidrelétrica binacional, localizada no rio Paraná, na fronteira entre Brasil e Paraguai).

A distância de Campo Grande para a fronteira do Paraguai varia de 400 e 300 km, respectivamente a leste e a sudoeste, porém, os dois países têm históricos de ocupação diferentes. O Brasil foi colonizado por Portugueses e o Paraguai por espanhóis, resultando em possíveis mudanças nos costumes em relação às plantas, ainda não investigadas. Com a migração para o Brasil, consideramos a possibilidade de que costumes diferentes relacionados ao uso de plantas pudessem ser observados. Os resultados deste estudo podem contribuir com a tomada de decisões sobre políticas públicas relacionadas à migração e à valorização da cultura e da biodiversidade.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> O tereré é uma bebida preparada com erva mate *Ilex paraguariensis* e água fria, sorvida por um canudo (ou bomba).

<sup>2</sup> No Paraguai há duas línguas oficiais: o Espanhol e o guarani. “Segundo o Censo 2002, o guarani é a língua habitual de 59% (DGEEC, 2005a) dos domicílios e é falado por 86,7% dos paraguaios (o espanhol 69,7%).” SOUCHAUD, Sylvain. A visão do Paraguai no Brasil. *Contexto int.*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, June 2011. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-85292011000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292011000100006&lng=en&nrm=iso)>. access on 24 Apr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-85292011000100006>.